

ENCONTROS COM MANOEL DE BARROS, CORA CORALINA E A FILOSOFIA DA DIFERENÇA COM A ÉTICA DO DEVIR

MEETINGS WITH MANOEL DE BARROS, CORA CORALINA AND THE PHILOSOPHY OF DIFFERENCE WITH THE ETHICS OF BECOMING

DOI: https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2024v26n1_a05

Flávia Cristina Silveira Lemos
Manoel Ribeiro de Moraes Junior
Arthur Elias Silva Santos

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de construir uma conversa-prosa de Cora Coralina com Manoel de Barros, em um encontro da Literatura com a Filosofia de Deleuze e Guattari. É um ensaio marcado pelo desejo de adquirir ponte efetuar travessias como devir na ética que pede passagem e se faz como artes de existências. Aborda-se uma cartografia de mundos outros e modos de subjetivar, de criar saberes que saem das coordenadas das regras institucionalizadas da arte para alçarem agenciamentos coletivos de enunciação que extrapolam a gramática da cultura bacharelesca das Letras. Inventam-se palavras, estilizam modos de vida e fabulam com a brincadeira e o cozinhar. A potência se afirma pelos encontros de corpos e territórios que transbordam os mapas de uma geografia autorizada pelo utilitarismo das coisas e da vida. Literatura e Filosofia caminham por nomadismos e entram conexão por blocos de sensações sem contemplação porque se faz cotidiano em devir.

Palavras-chave: Literatura; Filosofia; Devir; Cora Coralina; Manoel de Barros.

ABSTRACT : This article aims to build a prose-conversation between Cora Coralina and Manoel de Barros, in an encounter between Literature and the Philosophy of Deleuze and Guattari. It is an essay marked by the desire to acquire a bridge to make crossings as a becoming in ethics that asks for passage and is made as an art of existences. It addresses a cartography of other worlds and ways of subjectivating, of creating knowledge that depart from the coordinates of the institutionalized rules of art to raise collective enunciation agencies that go beyond the grammar of the baccalaureate culture of Literature. Words are invented, stylize ways of life and make fun with games and cooking. Potency is affirmed by the encounters of bodies and territories that overflow the maps of a geography authorized by the utilitarianism of things and life. Literature and Philosophy walk through nomadisms and enter into connection through blocks of sensations without contemplation because it becomes everyday in becoming.

Keywords: Literature; Philosophy; Becoming; Cora Coralina; Manuel de Barros.

Introdução

Este artigo aborda, em um primeiro momento, uma conversa da Filosofia da Diferença com alguns fragmentos do legado de Manoel de Barros, poeta brasileiro de Mato Grosso, modernista da geração de 1945. Em um segundo momento, realizamos uma aproximação da obra de Cora Coralina, poetisa de Goiás e seu trabalho sobre a artesanania dos doces e do cotidiano do bem-viver. Busca-se criar intercessões entre literatura e Filosofia, em especial, no diálogo com Deleuze e Guattari com o trabalho sobre a terra, os animais, as plantas, rios e a produção de doces da poesia de Manoel de Barros e Cora Coralina.

A ética do bem-viver no Cerrado, no Pantanal e na Amazônia tem nos conduzidos a pensar o cuidado pela floresta, pela relação com as águas e os animais como um modo de existência que se territorializa enquanto arte dos encontros que se fazem pelo comum e pela perspectiva da multiplicidade que figura como compostagem e exercício da produção da diferença. A potência do diferir é produzida nos modos de vida que se tornam por devir em conexões afirmativas de possibilidades de existência pela relação com a terra, com o cozinhar, com a biodiversidade e a poesia.

O encontro entre literatura e Filosofia é profícuo e repleto de ressonâncias. Há uma potência de variação que o modula por intensidades virtuais que agencia linhas do saber, do poder e da subjetivação. A poesia se esboça como traçados e percursos dos entremeios do dizer, ver e escrever como dobras da subjetividade. A literatura no encontro com a Filosofia e os modos de vida comportam o que, para Deleuze e Guattari (1992) a relação entre perceptos, afectos e conceitos. Os conceitos operam com os perceptos como bloco de sensações e com o devir das afecções, sendo que a Filosofia se torna um modo de vida e compõe com a Literatura um agenciamento coletivo de enunciação que traz fôlego e um respiro, em uma sociedade de controle. Assim, a arte da

poesia de Cora Coralina e Manoel de Barros nos ofertam blocos de sensações, acoplados em modos de vida e conceitos que abrem passagens aos encontros de potências em devir.

Habitando mundos outros com Manoel de Barros

É importante delinear uma dimensão histórica da vida de Manoel de Barros. Ele nasceu em Cuiabá/MT, em 1916, na Região Centro-Oeste. Sua infância foi marcada pelo cenário e contexto da fazenda do pai, no Pantanal mato-grossense. Na adolescência, ele estudou em um Colégio Interno, em Campo Grande/MS. Se mudou para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito e se filiou ao partido Comunista, porém, se decepcionou com as ações partidárias e se desfilou (Campos, 2007).

Publicou seu primeiro livro, em 1937, cujo título era: *Poemas concebidos sem pecado*. Durante um tempo, viveu em vários países: Bolívia, Peru e Nova York. EM uma viagem aos Estados Unidos, estudou artes plásticas e cinema, em um curso. Conheceu sua esposa, Stella e tiveram três filhos: Pedro, João e Marta. Quando o pai de Manoel de Barros faleceu, se mudou para fazenda do pai, em 1958. A natureza e as memórias dela fazem parte da escrita de boa parte dos poemas deste escritor (Campos, 2007).

Manoel de Barros recebeu vários prêmios, em 1969, ganhou o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal. Depois, em 1982 recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 1990, novos prêmios foram recebidos: Jabuti e Jacaré de Prata. Já, em 1996, ganhou o prêmio Alphonsus de Guimaraens. Em 1997, ganhou o Prêmio Nestlé. Também recebeu um prêmio das obras conjuntas, o Prêmio Nacional de Literatura, em 1998. Ainda, em 2002, recebe os prêmios Cecília Meireles, Pen Clube do Brasil e Odylo Costa Filho. Neste mesmo ano, recebeu outro prêmio Jabuti. Em 2005, ganhou novamente o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. E, em 2006, novamente foi agraciado com o Prêmio Nestlé. Em 2012, recebe, em Lisboa, o prêmio Casa da América Latina com um grande reconhecimento português. Em novembro de 2014, faleceu, em Campo Grande/MS (Campos, 2007).

Mas o que chama a atenção em sua poesia, além das inúmeras palavras inventadas, é a construção inusual dos enunciados. Daí o poeta obtém grande efeito poético, que causa estranheza e fascinação, como é possível observar nestes versos de sua obra: “Livro sobre nada”: “O pai morava no fim de um lugar” ou “Meu avô abastecia o

abandono”. Com uma linguagem simples, coloquial, vanguardista e poética, Manoel de Barros escreveu sobre temas como o cotidiano e a natureza (Landeira, 2001).

Muitos de seus poemas receberam um toque de surrealismo, onde o universo onírico rege. Além disso, criou diversos neologismos. Sua obra se caracterizava pela abordagem de questões sociais, pelo caráter histórico, pela presença de regionalismos, pelos usos de neologismos, pelo lirismo, pela valorização da natureza e por traços autobiográficos (Rosa, 2022).

Cora Coralina e o artefato cultural dos doces de Goiás como poesia

A poesia de Cora Coralina encanta e nos embala no cotidiano, traz a subjetividade como processualidade e relações de forças múltiplas que dão o tom das emoções em meio às experiências construídas no tecer os modos de vida como cuidado de si e da cidade, simultaneamente. Esta poetisa goiana brasileira ousou em seu tempo e nos escritos por valorizar a simplicidade paralelamente à preocupação com a memória coletiva tanto na dimensão cultural quanto política. Cora Coralina é um pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que nasceu na Cidade de Goiás, em agosto de 1889. Ela perdeu o pai com um ano de idade e fez seus primeiros anos de estudo na Cidade de Goiás/GO (Gratão, 2002).

Cora Coralina iniciou seu trabalho de escrita poética e como contista na adolescência, período em que também participava de ciclos de literatura e se mudou para a cidade de Mossâmedes. No entanto, só publicou seu primeiro livro: “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais” quando estava com 76 anos. Ao longo de sua vida, trabalhou como doceira, sendo que, aos 19 anos, publicou e idealizou um Jornal de poemas, cujo nome era “A Rosa” com a participação de suas amigas: Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana. A partir deste momento, escrevia com frequência contos e crônicas, usando o pseudônimo Cora Coralina (Camargo, 2001). Assumiu a vice-presidência do gabinete literário goiano, em 1907. Se casou, em 1925 com um advogado, teve 06 filhos e perdeu 02 deles (Delgado, 2015).

Se mudou para o interior de São Paulo, morando em várias cidades. Neste período, chegou a escrever para jornais e chegou a se candidatar ao cargo de vereadora, no início da década de 50, no século XX. Em 1956, retorna à Cidade do Goiás (Gratão,

2002). No ano de 1970, ocupou a cadeira número 5, na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. Ganhou o prêmio Troféu Jaburu, em 1981, conferida pelo Conselho Estadual de Cultura de Goiás. Em 1982, lhe foi conferido o Prêmio de Poesia, na cidade de São Paulo. Recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Goiás e, em 1984, ganha o Troféu Juca Pato. Ingressou, ainda em 1984 na Academia Goiânia de Letras, em que ocupou a cadeira número 38. Em, 1985, com 95 anos, faleceu na cidade de Goiânia (Gratão, 2002).

Na Cidade de Goiás, a casa em que morou alguns anos antes de falecer foi transformada no Museu Cora Coralina, em 1989, organizado por uma Associação, criada por amigos da escritora, sendo aberto à visitação pública. Neste Museu, é possível ver móveis, fotos, cartas, estantes de livros da escritora, seus tachos de fazer doce, fogão de lenha, um grande e belo jardim com flores, plantas e árvores frutíferas com janelas grandes de frente para o Rio Vermelho. Este casarão da poetisa em que funciona o Museu foi tombado e reconhecido como Patrimônio Histórico da Humanidade pela Unesco (Ferreira, 2020).

A poesia de Cora Coralina buscou nas suas vivências, experiências, memórias e autobiografia os elementos para narrar a história da Cidade do Goiás. O cotidiano era o tema que aparecia constantemente como cerne da obra da autora e trazia a dimensão do cuidado nos modos de vida por meio da literatura (Ferreira, 2020). A doceira e cozinheira fazia da arte da escrita um lugar de criação e produção de uma potência conectiva de sua existência como estética, ética e política de bem-viver. A vida pulsante na cidade, no território vivo de suas memórias e das narrativas coletivas ganha inventividade e atualização como porvir.

A vida pode pulsar em cada folha, em cada doce, na areia, no escorregar de uma criança, no movimento das águas, no sabor de uma experiência em que o cotidiano é criado nas memórias que não podem ser dimensionadas pelo esquadro instrumental da modernidade ilustrada e da erudição das Letras pelo Bacharelado da gramática oficial. A poesia é uma bricolagem de afecções e se torna agência a potência do diferir que devém e faz corpo com a alegria de poder subjetivar-se na estranheza do que pensava saber e de estilizar a existência pelo contar narrativas que são testemunhos das invenções do desejo maquínico.

Deleuze e Guattari com Cora Coralina e Manoel de Barros – a partilha do sensível

Na relação com o cotidiano presente nas poesias de Cora Coralina e Manoel de Barros é possível pensar uma relação entre Literatura e Filosofia em que os modos de vida ganham um plano de partilha do sensível como blocos de sensações que nos lançam ao devir como condição do que um corpo pode na criação pelo diferir. Neste sentido, a Filosofia não é contemplação, comunicação e reflexão e sim a potência do que pode um corpo nos encontros que realiza de entrar em devir.

Uma Filosofia da Diferença se esboça nas poesias de ambos como dispositivo de subjetivação, de saber e de poder, em que a escrita se torna ponta de lança para flechas do devir. Assim, a afecção que é mobilizada pela Literatura ganha cheiro, sabor, lugares, invenções de palavras, modos de ocupar a cidade e a subjetivar, articula o devir-crianças nas memórias de Manoel de Barros com a animalidade política e a literatura vegetal, em um plano de composição imanente de afectos, perceptos e conceitos pelas artes das existências.

Tanto Cora Coralina quanto Manoel de Barros não se ocupam do consenso e, muito menos, do universal, apostam nos modos de vida que agenciam o cotidiano em um bloco de sensações em devir, em que podem criar e não representar a existência. Ambos se permitem pensar como invenção, saindo do reconhecimento do território como paisagem, na medida em que lançam mão da afirmação do existir pelos entremeios da artesanaria por uma ética disruptiva com o estatuto poético na urdidura de uma poesia não enquadrada nas regras da arte institucionalizada.

O devir-criança de Manoel de Barros compõe com a brincadeira e o brincar como devir outro na relação com a natureza, com os rios, as pedras, as árvores, o bando de crianças como multidão que brinca em blocos de intensidade com a terra, os insetos, as folhas, as frutas, os banhos de rio, olhando os pássaros, rolando uma bolinha de gude, empinando pipa e cantando junto com o vento. Tudo se torna matéria expressiva para crianças fabulando suas brincadeiras em bando, no barro e com a terra, tomando banho de chuva e fazendo piruetas, pulando com pedrinhas nas mãos, fazendo perguntas inusitadas em um agenciamento do desejo que fabrica mundos e sensibilidades.

Não é possível conhecer dos animais sem saber dos modos como eles vivem. A beleza e a sonoridade fazem ritornelo, na estética da existência que entra em composição com a natureza e a quebra da ideia utilitária da vida e dos saberes para Manoel de Barros. Escrever é tornar-se outro, morrer para quem se era, como assinala Certeau.

Cora Coralina enfatiza de igual modo que é mais cozinheira e doceira do que escritora e, assim, se permitiu construir uma escrita inventiva que criava mundos como experimentação de fazer doces em tachos e encontrar um ponto que não é receita e sim campo de experiência da sensibilidade em devir do efetuar o fazer doces. Não há uma medida a ser calculada, se não se perde o sabor e a novidade da arte de cozinhar. A poesia fica asséptica se perde o ponto do entremeio que implica em efetuar passagens ao devir na escrita.

O antropocentrismo e a razão soberana são descentrados pela poesia de Cora Coralina e de Manoel de Barros. Os dois fazem conexões com a vida que não entra no escopo da modernidade como corpo organizado em funções dadas apenas e que evolui por uma racionalidade instrumental, rumo ao progresso. A linguagem simples e, ao mesmo tempo, marcada por neologismos ganha cores e confere potência à escrita que estranha e ousa ir além da autorização bacharelesca das Letras.

Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras.
Sou formado em desencontros.
A sensatez me absurda.
Os delírios verbais me terapeutam.
(Barros, 2010, Livro sobre o nada).

Cura-se pela loucura e encontra-se pelos desencontros. Nada de ser sensato quando se deseja uma terapia que delira na conexão que desconecta e faz-se pelo absurdo. Do fogão de lenha às pontes, rios e das pedras, Cora Coralina fazia agência-escritura. Fazia travessia nos becos da Cidade de Goiás e criava uma narrativa repleta de memórias que eram o atual e não reminiscência do passado fantasmagórico e ressentido. Ela fazia rede-diagrama com o sabor e a história que resistia à ocupação do espaço por meio de uma cartografia de corpos e territórios engendrados em um tempo não linear e em verdades não aprisionadas pela lógica da racionalidade utilitarista da cidade e das artes de cozinhar-escrever-traçar mapas afetivos com sensibilidade.

[...] Vive dentro de mim / a mulher cozinheira. / Pimenta e cebola. / Quitute bem-feito. / Panela de barro. / Taipa de lenha. / Cozinha antiga / toda pretinha. / Bem cacheada de / picumã. / Pedra pontuda. / Cumbuco de coco. / Pisando alho-sal (Coralina, 2001, p. 32).

A cidade era subjetiva e recriada pelos versos da poetisa e não apenas descrita e apresentada como cartão postal do mercado da cultura e da cidade como negócio do turismo por ser considerada histórica com suas edificações tombadas. Não se trata de acumular nem de fazer poesia por quantidade e sim pela qualidade da afecção na sua potência grau zero da escrita, como diria Barthes (1986).

Considerações finais que não terminam

O fim e o começo se misturam e traçam um diagrama entre Clio e Aión com Kairós e Chronos com a animalidade política e a literatura vegetal que faz doce com sabor de Cidade do Goiás com o Pantanal, escrito na Amazônia que estiliza florestania e ganha mundo pelo devir das águas, plantas, povos tradicionais, cheiros, sabores, pedras e brincadeiras de Miriti como cartografia do bem-viver de um cotidiano dos modos de vida de quem escreve de lá e não está só lá ou onde se pede e se procura por identidade o lugar no corpo organizado e no território geográfico.

Cora Coralina e Manoel de Barros chegam e alçam novos percursos que não ficam restritos ao que se escreve agora, pois, estão em devir e fazem ecoar ressonâncias como potências dos encontros da Filosofia com a Literatura na brecha que escoar como água pelas mãos e fabulação de criança, ao fazer bando.

Referências

- BARROS, M. de. *Livro sobre o nada*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 2ed. São Paulo: Cultrix, 1986.
- CAMARGO, G. de F. O. de. Poesia e memória em Cora Coralina. *Signótica*. V. 14. N. 1. pp. 75-85, 2001.
- CAMPOS, Maria Cristina de Aguiar. *Manoel de Barros: O demiurgo das terras encharcadas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*.
- CORALINA, C. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2001.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELGADO, Andréa Ferreira. Cora Coralina: a poética do sabor. *Ilha – Revista de Antropologia*. v. 4, n. 1. pp. 59-83, 2002.
- FERREIRA, M. R.; TORRES, M. A. Cora Coralina. Uma poética entre lugares e sabores. *Geografia, Literatura e Arte*. V.2, N.2. p. 129-145. Jul./dez., 2020.
- GRATÃO, L. H. G. Por entre becos & versos. A poética da cidade vi(vi)da. de Cora Coralina. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs) *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2015.
- LANDEIRA, J. L. Manoel de Barros e o ilógico olhar poético que transcende a razão. In: *O guardador de rebanhos*, n. 4, p. 68 – 73, 2001.
- MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Senac, 2008.
- PAULA, Fernanda Cristina de. Sobre geopoéticas e a condição corpo-terra. *Geograficidade*. V. 5. Número especial. pp 50-65, 2015.
- ROSA, O. R. M. Manoel de Barros: moderno, modernista e contemporâneo. *Nau literária. Crítica e Teoria da Literatura em Língua Portuguesa*. Porto Alegre, V. 18, N. 03, set./dez.2022. p. 1-20.

FLÁVIA CRISTINA SILVEIRA LEMOS: É graduada em Psicologia (UNESP, 1999). Mestra em Psicologia e Sociedade (UNESP, 2003). Doutora em História Cultural (UNESP, 2007). Foi bolsista FAPESP no Doutorado. Realizou estágio de pós-doutorado em Estudos da Subjetividade (UFF - 2015- 2016) sob supervisão da Profa. Dra. Maria Lívia Nascimento. Licenciatura semipresencial em Pedagogia (ICSH-Universidade Estadual de Alagoas, 2017). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, totalizando 600 horas (UNEB, 2017). É professora associada IV de Psicologia Social na Universidade Federal do Pará(UFPA), atua na Graduação e no Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFPA). Foi professora no Programa de Pós-graduação em Educação (UFPA) de 2010 a 2020, na linha de pesquisa Currículo, epistemologia e história. Integrou a Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (2017-2019).

MANOEL RIBEIRO DE MORAES JUNIOR: Professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Possui Formação em Filosofia (UERJ - 1997) e Teologia (STBSB - 2003), Mestrado em Filosofia (UERJ - 2001) e Doutorado em Ciências da Religião (UMESP - 2010). Concluiu estágios de posdoc em Filosofia (PPGFIL-UERJ, 2013), em Ciências Sociais da Religião (CeSóR/EHESS, 2015, França) e em Antropologia Cultural (PPGS-UFPA, 2019, sob a orientação do Dr. Heraldo Maués). Em 2022 recebeu a Comenda de Direitos Humanos "Paulo Frota" outorgada pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará. Atualmente, desenvolve pesquisas em Antropologia da Religião na Amazônia e em Estudos de Religião sob o enfoque da Teoria Crítica e das Ciências Compreensivas da Religião.

ARTHUR ELIAS SILVA SANTOS: Doutor em Psicologia/UFPA(2023). Mestre em Psicologia/UFPA (2016). Possui graduação em Psicologia/UFPA (2013). Licenciado em Música/UEPA (2010). Foi bolsista CAPES no Mestrado. Atualmente é professor do Departamento de Psicologia da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e Psicólogo Clínico. É membro do Grupo Transversalizando: estudo, pesquisa e extensão. Realiza estudos sobre Modos de subjetivação contemporâneos; Psicologia, justiça e políticas públicas; Cidade, cultura e subjetividade; Desenvolvimento e Aprendizagem; Subjetividade, Arte, Filosofia da Diferença e Esquizoanálise.